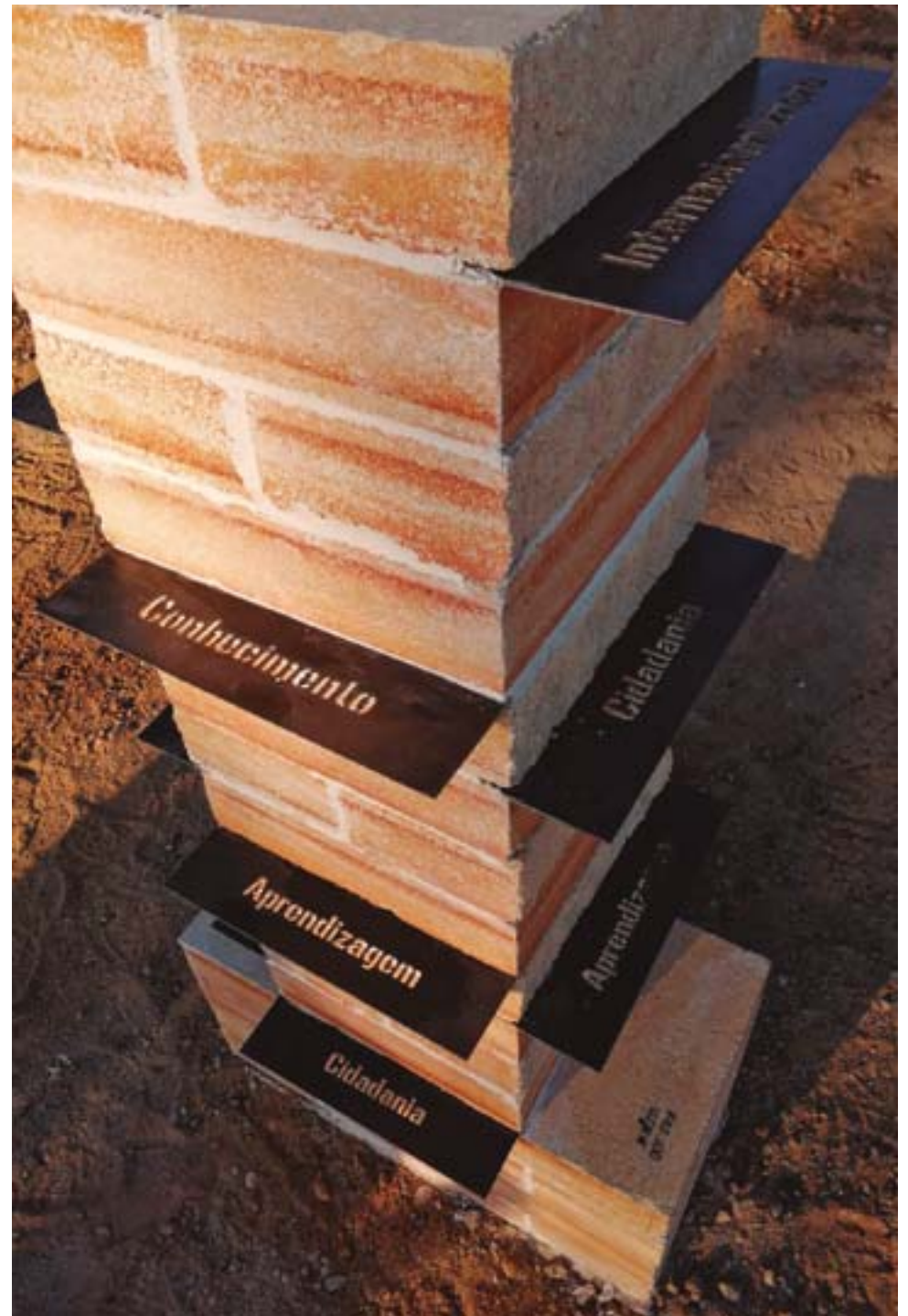


Que Esculturas Cerâmicas para o campus do IPS?: metodologias colaborativas em ambiente acadêmico

Sérgio Vicente



Este projeto foi desenvolvido no âmbito do quadragésimo aniversário (7 outubro de 2019) da criação do Instituto Politécnico de Setúbal, uma instituição pública de ensino superior que surge no quadro da criação da rede de ensino superior politécnico, e que hoje integra um conjunto de escolas que oferecem uma formação diversificada: a Escola Superior de Tecnologia de Setúbal, a Escola Superior de Educação, a Escola Superior de Ciências Empresariais, a Escola Superior de Tecnologia do Barreiro e a Escola Superior de Saúde. Foi neste ambiente académico complexo, com diferentes graus de envolvimento e de uso do espaço público limitado pelo campus — seja pela posição geográfica do complexo no território, pela importância dos edifícios no campo simbólico dado pela qualidade e pela arquitetura, localização, antiguidade ou passado académico —, que nos propusemos pensar, testar e concretizar um modelo aberto de cocriação artística. Tentando ao máximo envolver a comunidade académica na discussão e apresentação de propostas escultóricas para aquele lugar, partilhámos com a comunidade a vontade de realizar um conjunto de obras em grés refratário que se queriam permanentes no espaço de uso público, marcos representativos de um processo de trabalho partilhado entre aqueles que frequentam o campus e um grupo de estudantes¹ de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Os participantes foram orientados por uma equipa de mediação², em regime de seminários e ateliês de projeto participativo. Optámos por esta metodologia de trabalho porque ela permite o envolvimento de um grande número de pessoas ligadas ao Instituto na tomada de decisões potenciadoras da apropriação e usufruto público do espaço através da arte.

Este projeto pode ser definido como um processo de envolvimento social na criação artística, pois julgamos que responsabilizar os cidadãos utilizadores pelas opções estéticas do seu espaço público é fomentar a visão crítica de uma comunidade em relação à qualidade do lugar partilhado. E isto só é possível quando estamos dispostos a fornecer as

ferramentas criativas e políticas — da arte — para a sua transformação. Neste sentido, Castellano & Raposo (2019, p. 8) fazem referência à arte socialmente comprometida, a “um certo tipo de obra de arte que recusa a mera representação da realidade para se propor intervir directamente sobre ela”.

O envolvimento da academia neste tipo de processos é crescente e marcadamente científico; falta, no entanto, uma análise aos resultados desta influência ao nível da produção artística. Podemos, contudo, salientar que a natureza do trabalho em rede na Universidade concorre para a difusão de um alargado modelo de divulgação de experiências e resultados. Por isso, permite um permanente questionamento e reajuste de metodologias de trabalho fora dos modelos mais ortodoxos de circulação artística.

Neste projeto, as principais dúvidas assentaram no modo como poderiam as comunidades académicas participar de forma ativa na ideia de uma obra de todos, considerando-se à partida que não existe numa grande parte das pessoas envolvidas um domínio efetivo das ferramentas especializadas que as disciplinas artísticas usam. Acreditamos que, estimulando entre os participantes o pensamento crítico e a curiosidade em relação à manualidade e à materialidade no “fazer escultura”, contribuiu-se, pensamos que eficazmente, para uma alargada apreensão dos processos criativos e formativos no projeto. E deste modo, percebemos nos participantes uma vontade de agir e de intervir através da cocriação com reflexos eficazes na imagem simbólica que este projeto procurava materializar.

Como trabalhar entre nós?

Para a resolução desta dúvida, ao implantarmos o projecto baseámo-nos na proposta de exercícios de investigação-criação assentes em modelos definidos por Javier Maderuelo (2006, p. 37):

(...) cualquier “obra específica” realizada para un lugar concreto debe depender y responder a las condiciones que se desprenden del propio lugar en el que se ubicará y al que debe servir. Esas condiciones pueden ser de muy diversa índole: geográficas, físicas, formales, tipológicas, históricas, sociales, funcionales, significativas, emotivas, etcétera.

1 Os alunos da licenciatura de escultura foram os seguintes: Beatriz Machado, Catarina Monteiro, Cláudia Abreu, Condeça, Dimas, Horácio Carvalhinho, Joana Coelho, João Ramos, Luísa Vitorino, Margarida Valente.

2 Investigadores do CIEBA, Linha de Investigação em Escultura do Centro de Investigação em Belas Artes, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, do VICARTE, Vidro e Cerâmica para as Artes e do CEACT, Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa.

Este trabalho de “resgate” simbólico, teve como motor a pergunta inicial: “que esculturas para o campus do IPS?” Queríamos um exercício totalmente aberto — sem rede.

Javier Maderuelo defende que, para o desenvolvimento do trabalho de investigação artística no terreno é necessário sentir, analisar e registar, ou seja: valorizar a experiência sensitiva. Esta dimensão do conhecimento foi despertada nos participantes pelo processo de partilha e de conhecimento apreendido no terreno, com respostas ao nível da experiência continuada do olhar, do tocar, do cheirar ou do caminhar pelo espaço do campus, apostando na valorização da capacidade de análise e leituras empíricas dos elementos arquitetónicos e paisagísticos presentes.

Também refere que o olhar diacrónico sobre o lugar permitiu-nos anotar os dados que se estabelecem como factos históricos fundamentais. Marcos que nos ajudaram a compreender a relação que se vai estabelecendo ao longo dos anos entre os usuários temporários do espaço público e a estrutura superior académica que o gere — realidades sócio-territoriais transversais ao modelo de crescimento do campus ao longo de 40 anos. Dados que se apresentam como informação geral e válida, ferramenta importante para a análise da evolução do território.

Ou seja, um trabalho de recolha, questionamento e partilha que resultou numa tomada de consciência coletiva da realidade envolvente. Procurou-se relacionar o observado e registado *in situ* com o conhecido da realidade académica, estabelecer relações entre passado e presente, entre existente e inexistente, entre vazios e cheios, entre o humanizado e o desumanizado, entre o urbano e o natural. Análise que nos permitiu confrontar as hipóteses de partida com novos dados que estabelecessem e clarificassem as qualidades permanentes e maleáveis do território.

Antoni Remesar e Tomeu Vidal (2003), por seu lado, desenvolveram um conjunto de orientações para o trabalho em *workshops* colaborativos que se estruturaram em *metodologias criativas para a participação* e que, aplicadas a este projeto, permitiram a estruturação de um conjunto de ferramentas de trabalho necessárias para unir os diferentes agentes na produção de conhecimento com o objetivo final de estabelecer um conjunto de parâmetros de orientação e resolução plástica para o projeto e arte pública.

Com o envolvimento de um grupo de interessados em partilhar experiências e aprendizagens, a arte pública é necessariamente fundada numa permanente problematização do processo da sua realização, uma espiral dialética assente em quatro pressupostos operativos que se interrelacionam no projeto: o planeamento — a perceção dos “sintomas”



2
2ª sessão de trabalho, materialização das primeiras propostas cerâmicas desenvolvidas pelos participantes.

que criam as condições de atuação, ou seja, a natureza do programa vai condicionar o modelo de trabalho criativo; a ação — implica uma intencionalidade operativa na alteração significativa e permanente da realidade sobre a qual se trabalha; a observação — a recolha de evidências, usando, para tal, diversas técnicas e instrumentos, que possibilita a avaliação, efeitos e resultados dessa mudança; e a reflexão: com o conhecimento produzido, é nosso objectivo chegar a novos paradigmas da prática artística.

Quando a comunidade académica se juntou para um trabalho comum, já uma fase de análise ou planeamento tinha sido implementada. Realizaram-se diversas visitas exploratórias ao local, ao mesmo tempo que tivemos conversas com figuras destacadas na gestão e ensino do Instituto.

Os *wokshops* de projeto coletivo iniciaram-se nas instalações universitárias do campus, com a presença de um grupo alargado de pessoas representantes de todos os quadrantes da comunidade académica. A chamada à participação foi feita pelos meios de comunicação interna e da forma mais abrangente possível no âmbito da diversidade de funções. As sessões iniciaram-se com duas questões relativas às necessidades por identificar, e foram lançadas perguntas suficientemente abertas para que as discussões nos grupos de trabalho não estivessem presas a um único ponto de vista no universo académico. Foram interrogações que nos acompanharam ao longo do tempo: a necessidade de definir um lugar (o campus); e a necessidade de definir um programa (Escultura).

Estas sessões foram um espaço de diálogo intenso, confrontaram diferentes visões subjacentes a diferentes experiências, formações ou linguagens e abordagens ao território. Foi fundamental a harmonização dos elementos recolhidos para que se conseguisse um razoável consenso de ideias para um programa e um projeto que se propôs coletivo.

Chegou-se a duas linhas de leitura complementares do território: a ideia de “organicidade” interna do campus e de “abertura” do mesmo ao exterior. Conceitos alicerçados num conjunto de palavras-chave motrizes de um pensamento poético, que ganharam sentido plástico na relação que acabaram por estabelecer com as diferentes geografias do campus. Foram conceitos programáticos, a chave para as propostas de localização das intervenções artísticas sobre o território. Ou seja, pontos no mapa que salientavam a relação orgânica entre funções académicas, circulação e paisagem.

Quanto às propostas artísticas, estas foram desenvolvidas indistintamente pelos participantes, sendo constituídas por uma coleção variada de esboços que depois foram “aperfeiçoados” pelos alunos



3
Workshop de construção e criação das esculturas em grés nas instalações da fábrica de refratários da Abrigada.

de Escultura das Belas-Artes. O projeto final foi montado a partir de um conjunto de elementos cerâmicos tridimensionais que se constituíram como proposta e foram apresentados à comunidade académica em exposição no campus. Ou seja, a proposta final não se limitou a um amontoado de maquetes autónomas desenvolvidas por participantes em sessões de trabalho para serem ampliadas; a reelaboração do conjunto de propostas teve antes de tudo, de refletir um modo de pensar e fazer coletivo e uma expressão coerente de ideias que fosse lida no seu todo como projeto. Uma proposta que fizesse sentido para as pessoas que participaram na sua discussão, como, também, o encontro de um conjunto de obras que colocadas no espaço público refletissem uma coerência formal e simbólica; etapas que se articularam e se complementaram para atingir determinados fins materiais no território.

Um grupo de alunos de escultura, em regime intensivo, durante uma semana, trabalhou na Fábrica de Refratários da Abrigada, para a ampliação e concretização das esculturas em grés refratário. Foi um momento de grande envolvimento e interação entre todos. Um tempo de trabalho intenso, de encontros e desencontros, de resolução das dificuldades levantadas pela ampliação de simples maquetes em terracota.

Quando se propôs a ampliação das maquetas a partir da divisão dos elementos escultóricos em módulos — que no tamanho real corresponderam a peças modulares de grés de 40 x 40 x 10 cm —, estes foram trabalhados a cru, segundo a técnica de subtração de matéria em verdadeiros colossos de argila crua. Este processo obrigou à adoção de diferentes técnicas de desbaste manual e mecânico. O resultado final foi um trabalho verdadeiramente coletivo, no qual o esforço de cada um se diluiu na acção criativa de todos. As esculturas foram implantadas no campus, de acordo com o programado para as comemorações.

Uma experiência para o futuro

A arte pública como metodologia coletiva de trabalho tem a capacidade de fazer múltiplas leituras e detetar sintomas a partir do contacto empírico com o território. Leituras e apropriações do ambiente urbano, através da fixação de reflexões, anseios e memórias de todos os envolvidos. Estas experiências, e os seus resultados, tendem a tornar-se uma ferramenta disponível de harmonização e de inclusão social, disponível para diferentes agentes em contextos heterogéneos e complexos como o foi num campus universitário. Como defendem Rato, Verheij e Fernandes (2017):



4
Instalação das peças
de cerâmica no Campus do
Instituto Politécnico
de Setúbal.

a arte pública concretizada a partir de uma participação voluntária é na sua natureza plural, destituída de carácter autoral fruto da partilha de soluções, aproximando, a nosso ver, a monumentalidade dos cidadãos, capacitando-os das ferramentas para uma gestão sustentável da dimensão estética do espaço vivencial.

Esta possibilidade nasce realmente quando, como artistas e investigadores na academia, centramos o nosso trabalho na reflexão e crítica, por um lado, e na operacionalidade da criação artística por outro. Assumindo a Investigação, na nossa própria prática artística.

Esta ideia é defensável se soubermos antever um modelo de investigação e ação coletiva que invista no cruzamento do saber artístico e científico, que passe pela escultura e pelas ciências sociais para atingir fins comuns. Consideramos que, deste modo, se vai encontrar um equilíbrio entre a dimensão de investigação e de projeto na arte pública. Com o conjunto de resultados alcançados com estas esculturas, acreditamos que vamos permitir rever e questionar experiências artísticas comunitárias anteriores, capazes de alimentar futuros ciclos de trabalho artístico.

Referências

- RATO, A., VERHEIJ, G., FERNANDES, M. (2017). *De Pé, Ó Voluntários! Cidadania e Auto-Aprendizagem no Planisfério da Interculturalidade (Almada). Arte Pública na Era da Criatividade Digital – Actas do Colóquio Internacional 2017 (Vol. I E Vol. II)*. Eds. José Guilherme Abreu, Laura Castro. Porto: Universidade Católica Editora.
- CASTELLANO, C. G., RAPOSO, P. (org.) (2019). *Textos para uma história da arte socialmente comprometida*. Ed. Sistema Solar / Documenta. Lisboa.

- MADERUELO, J. (2006). *Arte Público: Propuestas Específicas*, Ed. Universidad de Chile, Santiago do Chile.
- REMESAR, A., VIDAL, T. (2003). *Metodologias Creativas Para la Participación – documento de trabajo (Doctorado Espacio público y Espacio Urbano: arte y sociedad)*. Universidade Barcelona, Barcelona.